



O Castanhirense



Quinzenário Regionalista e Cultural - Por Castanheira de Pera e Região

PROPRIETÁRIOS

Herd.ª de Ilídio José Coelho

Redacção e Administração

Praça Visconde de Castanheira de Pera

ANO XLIII

AVENÇA

Telefone PPC 4316 — Of. Gráf. da Ribeira de Pera — 3280 — Castanheira de Pera —

20 DE ABRIL DE 1979

DIRECTOR-INTERINO

Eduardo Silva

Composição e Impressão:



PORTE PAGO

N.º 1-597/8

OPINIÕES

Por vezes um ou outro manifestam que não percebem o que escrevo, espontaneamente. Mas é fácil entender o porque. Pela simples razão de não apontar factos localizados, nem atacar pessoas conhecidas. Seria polémico, talvez! Seria criticado ora louvado, certamente! Entretanto não alimento a vingança ou recalcamientos. Só que, a contemplação passiva

PEDRO BARROS

esgota-se, ao mesmo tempo que as generalidades vão-se tornando assuntos específicos e objectivos, isto é, vai sendo tempo que se faça a autentica história dos indivíduos que, neste concelho, nada de bom fizeram ou nada deixaram fazer. Antes ou depois do 25 de Abril. Aguardo-se.

E para mudar de assunto, recordo-me de uma destas noites que a Invenção da Invenção, fazendo os seus estragos, noite onde a brejeira passa a uma frase lapidária da obra de Alberto Camus: aqui, compreendo aquilo a que se chama glória — ao direito de amar sem limites. Claro está que existem várias interpretações, diferentes conceitos. Uma coisa porém parece indiscutível: devemos amar em todos os aspectos e circunstâncias.

Naturalmente não me refiro ao lirismo dum qualquer romance de trazer por casa, a-lalô por natureza. Quero sim dizer que devemos amar o semelhante, destituídos de inveja e má fé que causam a calúnia e o desprezo. Devem-se amar as pessoas na prática, a cada instante, e sobretudo, regozijarmo-nos com o sucesso dos outros, ocorrendo os nos-
soras bocados. Desinteressadamente. Inspirados na amizade sincera. Batendo a vulgar bisbilhotice das comadres do vizinhança.

Amando aqueles que na realidade zelam pelos interesses da comunidade que desejamos mais satisfeitos, fraternos e civilizados. Aqueles que no governo, nas câmaras, nas fábricas definem e dirigem a nossa vida social e económica. Para que termine de vez a ignorância, para mim, o ópio dum povo. Para que não se vejam jamais casas humildes sem o mínimo de habitabilidade. Para que acabe no futuro a desumanidade quealguns casos se verifica na assistência médica. Para que as infra-estruturas, as necessidades imperiosas das populações sejam atendidas quanto antes por meios materiais disponíveis. Para que a burocracia dos corredores go-
vernamentais seja reduzida a requirimentos, projectos, des-

pachos e demais papelada tenham utilidade imediata, para que os horários sejam cumpridos sem excepção e os gabinetes comodamente alcatifados não pertençam a incompetentes, presunçosos e vesgos e ainda para que a igualdade de oportunidades sejam um direito de qualquer cidadão e a igualdade de apoio e estímulo tanto ao sector privado como ao público, se verifique através de legislação adequada.

Amando também a verdade e personalidade. Libertos de raiva incontida contra patrões compreensíveis e honestos. E estes sem esquecerem que os trabalhadores são gente, por isso sentem as dificuldades. Sentem a barriga a mendigar devido à escalada da inflação. E vão sentindo o efeito do oportunismo descarado e da verbosidade estúpida de uns quantos armados agora em progressismo, que ditaram leis ilógicas, que foram os senhores e amos deste pobre e triste país. Portanto, é fundamental que as Associações de Industriais (?) e os Sindicatos aprendam a conviver, a lutarem por fins comuns, a respeitarem-se mutuamente. Cumprindo deveres e trabalhando, criando riqueza justa, sem falsidades ou ambiguidades, sem promessas ou políticas, sem receios ou imposições. Conscientemente!

Porque se as gerações seguintes encontrarem a terra queimada, povoada pelos revolucionários da teoria, da ilusão, não poderão sobreviver. Assim o reza a História, não o esqueçam!

Amor com amor se paga, é um ditado antigo. Saibamos aplicá-lo a quem o merece. Somos livres de apoiar quem o merece. E em liberdade queremos viver condignamente.

Os outros que se lixem... se já não o tiverem feito a nós mesmos!!

Jovem Assassinado Pelo Próprio Pai!

A Páscoa, que generalizadamente a Humanidade consagrou como a quadra da esperança é, por vezes, e fruto do infortúnio e da incompreensão dos homens, desvirtuada no conteúdo que en-

Reportagem de: J. David e R. Fernandes
A Páscoa, que generalizadamente a Humanidade consagrou como a quadra da esperança é, por vezes, e fruto do infortúnio e da incompreensão dos homens, desvirtuada no conteúdo que en-

Assembleia Distrital de Leiria Reunião Ordinária de Março

Realizou-se no dia vinte e nove de Março a sessão ordinária da Assembleia Distrital de Leiria, órgão autárquico presidido pelo Governador Civil e constituído por três elementos de cada concelho do distrito: presidentes das Câmaras e Assembleias Municipais e um presidente das Juntas de Freguesia, eleito para o efeito por cada assembleia municipal.

Entre outros a Assembleia Distrital tratou dos seguintes assuntos:

— Apreciou e aprovou o Relatório e as Contas da Gerência de mil novecentos e setenta e oito;

— Apreciou a eventual aquisição dos terrenos anexos ao Internato Distrital, tendo deliberado antes de decidir definitivamente, mandar medir e avaliar o terreno, para o qual verificar o seu aproveitamento urbanístico;

— No seguimento das diligências anteriores, tomou conhecimento do estado do projecto de adaptação do imóvel adaptado, para a sua futura utilização como a este trabalho nomear para o bom acompanhamento do mesmo, uma comissão, constituída pela Mesa da Assembleia e os cinco membros por ela eleitos para o Conselho Distrital;

— Deliberou autorizar a atribuição duma gratificação a fim de proporcionar ajuda de gratificação e educação física às crianças da Casa da Criança de Fátima;

— No prosseguimento da sua actividade editorial, a Assembleia, que

(Continua na página 2)

O REPORTER NA RUA

«O CASTANHEIRENSE» no intuito de melhor auscultar os anseios e carências mais prementes das populações da região e de alertar para eles as mais diversas entidades, irá procurar deslocar os seus repórteres às diversas povoações da região. Assim desde já podemos informar os leitores que o nosso jornal estará brevemente nos Escalos do Meio, povoação da vizinha vila de Pedrogão Grande à qual estamos ligados por profundos laços históricos.

ECOS - EUROFESTIVAL-1979

A terra de Israel, denominada consoante as épocas Terra de Canaã, Palestina e Terra Santa inscreve-se na História como pátria dos israelitas, a partir do século XII (A.C.) quando o povo hebreu, conduzido por Josué, se instala nos lugares bíblicos inspirado na

por MILITÃO PORTO

promessa divina feita a Abraão e relatada nas Sagradas Escrituras.

«Eu te darei, a ti, teus descendentes e aqueles que hão-de vir o país em que te encontras, toda a terra de Canaã, em posse perpétua e eu serei o vosso Deus» — (Génese XVII 8).

No ano 70 da nossa era, porém, Tito cerca Jerusalém e arrasa o Templo. Na última grande revolta dos anos 132-135 a cidade é destruída por Adriano que completa a destruição do país e culmina com a expulsão da maioria do povo que se espalhou pelo Mundo, conhecido de então.

Os judeus, dispersados, jamais renunciaram aos seus direitos à pátria de Israel, acautelando sempre até aos nossos dias a grande esperança do regresso à Terra Prometida. Séculos passaram. Mas os judeus conseguiram edificar uma pátria, cuja proclamação de independência se realizou em 14 de Maio de 1948. Fora feita reparação ao povo mais perseguido da História e a consagração definitiva da justiça imanente.

Regressando à Terra Prometida e proveniente de mais de 80 nações, falando os mais variados idiomas e dialectos, desmembrado por séculos de exílio e provação, o povo de

Israel volta a reunir-se numa só nação e ressuscitou a língua mãe: o hebraico. E triunfando em diversos empreendimentos levados a cabo sob a égide do entusiasmo e da ciência forjou um Estado moderno e progressista.

Tão moderno e progressista que vimos há pouco o espectáculo, mais espectáculo da Televisão, melhor: da Eurovisão. Vinte e quatro anos depois do princípio deste triunfal episódio europeu da canção temos de instituir que Israel concebeu o maior espectáculo de todos os tempos desse prodigioso elemento que assegura propósitos auditivos em muitos milhões de pessoas. Foi este ano o melhor de todos os espectáculos dado a ver. Daí conclui-se que Israel, povo vilipendiado durante séculos apareceu em toda a sua exuberância de Arte e colorido com um

Não só disso queremos falar sobre o Eurofestival 1979. Queremos falar de nós, portugueses. Fomos, como de costume, infelizes. A nossa estrutura jurídica e política está errada. Vejamos que dois juri foram constituídos de forma infrene, tanto mais que o primeiro foi superado pelo segundo: o que não há o direito. Se o primeiro juri tinha dado a sua decisão, a TV, portuguesa deu a impressão de que tal juri não era competente, sendo obvio nomear outro para das, não sei quantas canções, escolher as melhores. Tudo isto é bonito, dá êxito a certos e determina os senhores, mas multiplica-se pela mediocridade de que padecemos. O exemplo mais flagrante está no facto de ter aparecido uma canção que deveria ter sido a escolhida para

(Continua na página 2)

O MARCO DA PRAÇA / Correio dos Leitores

Na senda de uma maior aproximação do leitor e visando ao mesmo tempo tornar o nosso jornal mais vivo, «O CASTANHEIRENSE» passará a inserir nas suas páginas uma nova secção: «O MARCO DA PRAÇA / Correio dos Leitores».

Pretendemos com esta nova Secção difundir a opinião dos nossos Leitores, as críticas, comentários e sugestões que achem por bem fazer. Porque «O MARCO DA PRAÇA»? Precisamente porque o marco do correio que em tempos existiu na praça e que se tornou uma peça útil e simpática ao longo dos anos, nos parece um bom símbolo para uma secção desta natureza, cujo conteúdo fundamental será a correspondência que nos seja endereçada e que desde já fazemos votos que seja numerosa e oportuna, concisa e identificada.

Ficamos, pois, aguardando o vosso correio amigo que deverá ser dirigido a:

Jornal «O CASTANHEIRENSE»

«Secção O Marco da Praça»

3280 / Castanheira de Pera

(Continua na página 8)

"115" O Número que salva vidas e socorre gratuitamente

Um dos acontecimentos mais amplamente promovidos pela imprensa lisboeta dos anos sessenta foi, indiscutivelmente, a criação do «115». Tratava-se de um serviço de emergência empenhado no transporte de acidentados na cidade de Lisboa e nele estava empenhada a Polícia de Segurança Pública que, para o efeito, foi toda de um novo parque de ambulâncias.

Após a sua entrada em funcionamento, eram frequentes nos jornais da capital notícias que nos davam conta da celeridade crescente com que um atropelado, a vítima de uma queda grave ou feridos resultantes de um choque de viaturas, eram socorridos e transportados ao banco dos Hospitais.

Tomando rápida consciência da profunda utilidade pública deste novo serviço, rapidamente cresceu em seu torno uma aura de justa popularidade.

Foi justamente a consciência dessa extrema utilidade que levou os governantes do país a promover a generalização de tal serviço a todo o território nacional.

Para tanto e para lá de um poderoso investimento em material adequado ao bom funcionamento desses serviços, requeria-se a criação de uma organização que basicamente coordenasse as suas funções. Nesta conclusão se inspirou a criação do SNA — Serviço Nacional de Ambulâncias — que desde o seu aparecimento até aos nossos dias tem sido o instrumento de expansão do popular «115» desde os grandes centros urbanos até às regiões mais interiores do país. Isto através da harmonização dos serviços prestados pelos bombeiros municipais e voluntários de norte a sul de Portugal, e dos que são garantidos às populações pela G.N.R. e pela P.S.P. hoje sem qualquer espécie de dúvidas os grandes instrumentos daquele serviço de emergência para socorro a sinistrados.

Todavia — porventura por deficiente informação — não têm sido poucos os equívocos, nem desprezíveis as margens de ignorância de algumas zonas de Portugal sobre este inestimável serviço já posto à sua disposição.

Nas cidades como nos campos, ou na orla marítima, é frequente surgirem casos em que é pedido ao «115» o transporte de um doente de sua casa ou é requisitada uma ambulância a qualquer corporação de bombeiros voluntários para socorro a um

sinistrado por acidente de viação, um acidente no trabalho ou por qualquer outro tipo de ocorrência urgente.

Um e outro comportamento estão basicamente errados. No que diz respeito ao «115» não foi criado para serviço sanitário de transporte de doentes mas exclusivamente para se acorrer rapidamente a um local onde se tenha verificado o acidente ou situação de urgência a fim de prestar os primeiros socorros e transportar as vítimas ao banco do hospital mais próximo. Para tanto as suas tripulações foram especialmente adestradas através de instrução competente.

Apenas naqueles casos de emergência se processam os seus serviços que podem ser requeridos pela simples ligação de um telefone ao «115». Tal ligação põe o utente em contacto com uma central telefónica destes serviços de emergência que providenciará para que no espaço de tempo estritamente necessário para chegar ao local onde se registou qualquer acidente de graves consequências, surja uma ambulância do SNA, tripulada por equipes de socorristas da P.S.P. ou dos Bombeiros.

Isto acontece em todo o espaço nacional.

Mas Portugal é um País arreigado a hábitos. E, sobretudo na província e muito acentuadamente no norte e noroeste do país perante qualquer emergência sangrenta, a primeira ideia que ocorre a testemunhas presenciais de um desastre de viação ou de outro tipo é a de «chamar a ambulância». Está certo. Mas será altamente preferível que «chame a ambulância» ligando o número 115, precisando com todo o rigor o local onde se verificou o acidente, quantos e em que circunstâncias se encontram as suas vítimas.

Vítimas em que não deve tocar sob risco de, por ignorância, poder transformar num caso fatal.

Proteja essas vítimas, sinalize o acidente, mas não lhes toque. Justamente na ambulância do 115 que está a chegar, os homens da Emergência saberão recolher os sinistrados de forma eficiente e transportá-los com assistência adequada ao posto de socorros mais próximo, sempre sem qualquer encargo para a vítima ou seus familiares.

Aqui está algo que toda a população de Portugal deve saber a favor da sua própria segurança.

Assembleia Distrital de Leiria

(Continuação da primeira página)

tem em curso de impressão a obra «Dicionário dos Autores do Distrito de Leiria», em fase preparatória para a impressão da obra «Leiria no Século XIX-Aspectos Económicos», e em apreciação, na comissão constituída para o efeito, a obra «O Teatro Amador em Leiria», deliberou remeter à referida Comissão, também para apreciação a obra poética «Porquê? - Dúvidas e Certezas...»;

— Deliberou tomar como seu objectivo a instalação condigna da Biblioteca e Arquivo distritais, assim como do Museu de Leiria, e requisitar de imediato a análise técnica do assunto por especialistas da Secretaria do Estado da Cultura;

— Porque o actual Governador Civil era membro do Conselho Distrital, afim de preencher a vaga aberta, foi eleito o Senhor Artur José Pontvianne Homem da Trindade, Presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós;

— Tornando-se necessária a eleição de um representante distrital para a constituição de um colégio regional da área abrangida pela Comissão Planeamento da Região Centro (distritos de Aveiro, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Leiria e Viseu), ao qual cabe a eleição de um representante da referida área no Conselho Geral da E. D. P., foi eleito o Presidente da Câmara Municipal de Leiria e também da Federação de Municípios do Distrito de Leiria, Senhor Carlos dos Santos Pimenta;

Tendo sido pela Direcção da Arma de Engenharia, posto à disposição do Distrito diverso material excedentário (pás, picaretas, etc.), foi deliberado distribuí-lo equitativamente pelas Câmaras e Assembleia Distrital;

— Discutido o assunto dos subsídios susceptíveis de serem concedidos pelo Cofre Privativo do Governo Civil e da distribuição da quantia de trezentos contos, já na posse do Governador Civil, destinada pela Secretaria de Estado da Segurança Social a instituições de primeira e terceira idades, foi deliberado recomendar ao Governador Civil: Um) que suspenda a atribuição de qualquer subsídio ao seu Cofre Privativo até à existência de um plano, a elaborar um apoio ao Conselho Distrital; Dois) Que proceda a distribuição da quantia de trezentos contos em conformidade com o parecer do Conselho Distrital;

— Face ao pedido do deputado José Ferreira Dionísio de parecer da Assembleia Distrital sobre o seu projecto de lei de elevação a cidade da vila de Alcobaça, foi deliberado apoiar.

ECOS - EUROFESTIVAL - 1979

(Continuação da primeira página)

o EUROFESTIVAL e se chama, salvo erro, «Canção do Realejo». E que aconteceu. Que o segundo juri tivesse-la posto de parte atribuindo ao facto o caso de se tratar de um arremedo de valsa...

Nem podia ser de outra maneira! Se a canção era uma espécie de libreto do grande conto universal de «D. Gaetano», que o prodigioso novelista Axel Munthe escreveu no seu mais famoso livro «Homens e Bichos» não podia naquele tempo ouvir-se no «realejo» mais do que o tal arremedo de «valsa».

Daqui se notabiliza — e eu não sou um sensitiu de acaso — o poema vivo e capaz de Correia Martins a o seu sequente e erudito compositor da famosa canção António Sala.

Chamo-lhe famosa, porque se tem sido escolhida para o EUROFESTIVAL talvez tivesse, por parte dos jurís europeus, uma classificação à altura da sua categoria universal, trazendo à liça europeia de hoje a sensibilidade que corroe a maioria dos infelizes e que «D. Gaetano» minorava com toda a sua insuflação do prazer da música.

"O Coentral em foco

Repensar o C. I. R. U. C."

O artigo publicado por José M. Simões, no Castanheirense de 25-1-1979, sob o título REPENSAR O C.I.R.U.C. é um infeliz conjunto de críticas directas e indirectas à actuação dos corpos gerentes do Centro de Instrução e Recreio UNIAO COENTRALENSE — a colectividade regionalista que tem a sua sede no Coentral Grande.

Porque esse artigo ofende a direcção e grande número de associados, não pode ficar sem resposta, tanto mais quanto é certo que pode dar origem a manobras divisionistas e alienantes. E, acima de tudo, pretende a actual Direcção do C.I.R.U.C. — democraticamente eleita — servir o ideal da UNIAO COENTRALENSE que, desde 1911 norteou os seus fundadores, os seus dirigentes e os seus associados.

Sem pretensões de fazer literatura e com a humildade de quem não se considera iluminado por uma verdade científica ou revelada por quaisquer génios... a Direcção do C.I.R.U.C. apenas vem a público dar os seguintes esclarecimentos:

O NOME

É assunto da competência da Assembleia Geral. Seja qual for o pensamento da actual direcção a este respeito, não lhe compete tomar a iniciativa da convocação dessa assembleia. Todo o sócio pode consultar os estatutos e proceder em conformidade com eles para defender o seu ponto de vista. E há quem pense que interessa mais a acção a desenvolver do que o nome a ostentar.

A EXISTÊNCIA

Residem no Coentral todos os elementos da actual direcção. Melhor do que quem reside em Lisboa e só vem de fugida ao Coentral, a Direcção do C.I.R.U.C. conhece as possibilidades e os interesses da população, tal como as limitações do meio.

Povoação modesta, constituída por menos de duas centenas de eleitores, grande parte destes já idosos, dispõe o Coentral de pouca gente que se entregue por carolice. Falta gente para as tarefas dos dirigentes, seja ao nível das autarquias, seja ao nível das comissões seja ao nível da colectividade C.I.R.U.C.

Apesar da boa vontade, muitos se encontram já saturados por experiências amargas e — como é agora o caso — por críticas destrutivas e tendenciosas.

Escusado é dizer que nesta direcção do C.I.R.U.C. não existem intelectuais, nem doutores, nem agentes técnicos, nem engenheiros, nem professores... Nem isso é preciso para que a colectividade seja autêntica, isto é, para que ela seja o que os seus associados quiserem que ela seja!... O que sabemos é que cada um faz o que pode — e sabe Deus com que sacrifício da sua vida particular vai acompanhando e servindo, vai tomando iniciativas — mesmo com as quotizações de Lisboa (a sua cobrança) em atra-

so e até contraindo dívidas pessoais — para que a colectividade, sem ser progressista, vá progredindo, sempre desejando o Progresso.

Sacrifícios de toda a ordem são exigidos aos dirigentes desta colectividade, que sempre foi pobre e que sempre precisou de todos os coentralenses. Em verdade, podemos afirmar que o C.I.R.U.C. precisa de todos e por isso nunca foi nossa intenção afastar alguns. Mas dos ensinamentos da experiência ficamos a compreender que aqueles que por aqui passam e sofrem destas críticas injustas fiquem com pouca vontade de para cá voltarem. E se isso não teria importância num meio grande, não se poderá dizer o mesmo num meio cada vez mais pequeno — que ainda quem enfraquecer mais com divisões mais ou menos doutrinaárias...

O certo é que o C.I.R.U.C. nada poderá dar se nada receber.

Tem esta direcção disposto de pequenos subsídios que mal têm chegado para os melhoramentos que tem feito. Sabemos que o que se fez é muito pouco se comparado com o que se desejaria fazer. Mas mais não tem sido possível.

Dentro das suas limitações e enfrentando algumas incompreensões com a Direcção trabalhado com os seus próprios recursos e se uns têm feito de carpinteiro ou de electricista, outros servem no bufete... enquanto os críticos... vão fazendo mais críticas... sem meter as mãos ao trabalho... apenas exigindo ser servidos melhor...

Não deseja a Direcção prolongar o seu mandato. Nem sequer voltar um dia. Mas enquanto estiver no exercício das suas funções, cumprirá como puder e souber, sem deixar de repudiar as críticas destrutivas e sempre disposta a aceitar as colaborações válidas.

É tempo de virem outros.

E o nosso amor pelo C.I.R.U.C. exigirá deles que sejam melhores do que nós temos conseguido ser.

Sempre que for preciso arregaçar as mangas contem connosco. Mas não contem com a gente se apenas vêm dizer mal por dizer, ou para nos dividirem.

Ou melhor: — se assim for, contem connosco e com muitos mais na oposição.

E, entretanto, para que também o nome de José M. Simões fique registado em acta, ficou esta resposta transcrita no Livro de Actas das Reuniões da Direcção do C.I.R.U.C.

Por fim, também nós dizemos que para «o Centro continuar como está ou como talvez alguns queiram que esteja» A MERCÊ DE CRÍTICAS DESTRUTIVAS diremos sinceramente: — NÃO!

Direcção do C.I.R.U.C.

Assine O Castanheirense

GABINETE DE CONSULTORES TÉCNICOS

Estudos, Manutenção Preventiva, Assistência Técnica

Equipamentos para os sectores:

Indústria de Moldes e Metalúrgica

Indústria de Plásticos e Borracha

Cerâmica, Refratários Moldáveis, Ventilação, Despeiramento, Aquecimento, Refrigeração, Tratamentos de Águas, Pecuária e Indústria Alimentar.

Frio Industrial, Ar Condicionado.

Consulte-nos

APARTADO 309

2404 LEIRIA

TELEFONE 2 20 81

Luis Frias Fernandes
MÉDICO

DOENÇAS ALÉRGICAS
TESTES — ASMA BRONQUICA

CONSULTAS POR MARCAÇÃO

TELEFONE 42338 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

o concelho de norte a sul o concelho de norte a sul o concelho de norte a sul o concelho

EDUCAÇÃO

Alguns Aspectos do Ensino Preparatório e Secundário em Cast.ª de Pêra

- Professores — Só 8% da terra
- Gestão — A Comunidade alheia à Escola
- Instalações — Do melhor da zona centro!

Dizem respeito a nós Castanheirenses, numa primeira linha, os grandes ou pequenos problemas que se nos deparam no âmbito do ensino aqui na nossa terra, e, como tal, nos assiste a obrigação de procurar resolver, na certeza de que não serão certamente estranhos a fazê-lo. Sem pretensão de sermos exaustivos, vamos procurar fazer uma pequena abordagem daquilo que, na nossa óptica, constituem os maiores problemas perante os quais a Comunidade não se deveria manter estática.

1. É aqui que em nossa opinião, reside o grande problema. A comunidade castanheirense não dispõe de professores para colocar ao serviço da sua escola. Expressão do que afirmamos o facto de, no corrente ano escolar, dos vinte e cinco professores só dois serem da terra, o que corresponde a uma percentagem de apenas 8%. Tal constatação afigura-se-nos de comovedoramente negativa e até de não fácil explicação, uma vez que, Castanheira de Pêra foi em tempos um próspero centro industrial de lanifícios. Só que, nada investiu na cultura... E as consequências hoje aí estão: todos os anos as aulas a começarem bastante tarde e todos os anos a assistirmos à mutação de professores. A explosão do ensino apanhou-nos de surpresa!

E ainda outras consequências laterais podemos observar: do lado dos professores a humana lamentação da falta de alojamento condigno, da falta de diversões, do isolamento, da dificuldade de transportes, do estar longe das famílias; da parte da terra o facto de milhares de contos em salários se irem escoando ano a ano e ainda a propaganda daqueles, certamente não muito de acordo com os esforços de promoção dos seus naturais...

Mas é evidente que não será possível encontrar uma solução a curto ou médio prazo, porquanto só uma frequência universitária de jovens castanheirenses, apontada para o ensino, poderia trazer a solução. Mas esta é nula!

Em abono do que defendemos o que se constata hoje, com agrado, no ensino primário do nosso concelho: mercê de um esforço notável, cerca de 60% dos professores primários já são castanheirenses.

2. Já tivemos a oportunidade de, num semanário de grande expansão, apontarmos os factos que, do nosso ponto de vista, nos levam a considerar a gestão da Escola, nas actuais circunstâncias à margem da Comunidade. Vejamos:

a) Os três professores do Conselho Directivo (não sendo nenhum da terra) foram este ano colocados pela primeira vez em Castanheira de Pêra;

b) O quarto elemento do Conselho Directivo — o representante do pessoal administrativo — não existe;

c) O representante da Escola ao Conselho Municipal não funciona;

d) Comissão de Pais e En-

carregados de Educação não existe.

Em suma: Não se encontra na gestão da Escola um único elo de ligação com a comunidade em que a Escola se encontra inserida e cujos interesses procura servir. Tal facto não é, sópomos, de apontar como positivo.

E se não é possível que na gestão da Escola se empenhem professores da terra, por não existirem, já a iniciativa da Assembleia Municipal de solicitar um representante da Escola ao Conselho Municipal é francamente de acolher no futuro, assim como a existência e funcionamento da Comissão de Pais e Encarregados de Educação achamos francamente de incentivar. De incentivar, não para se tornarem veículos de agitação interna, como em tempos o foram, tombando do Conselho Directivos, mas sim para de uma forma correcta e responsável, colaborarem activamente na solução dos problemas do ensino que caíam dentro da sua alçada. É certamente por se reconhecer positiva a sua acção que, a nível nacional, a sua movimentação é já assinalável.

Por nossa parte, achamos que, entre outros, a Comissão de Pais e Encarregados de Educação, para além da ligação material com a Comunidade, poderia dar um valioso contributo,

por exemplo, em matéria de horários, forma de avaliação de alunos e distribuição de subsídios. A sensibilidade dos Encarregados de Educação responderá.

3. Não temos problemas de maior quanto a Instalações. Com efeito, dispõe a nossa terra de um magnífico edifício próprio para o ensino, fruto do trabalho heróico da Administração do antigo Colégio S. Domingos. Na nossa condição de antigo aluno bem poderemos testemunhar com quanto amor e carinho se colocaram as primeiras pedras, o primeiro barro, o primeiro cimento, embora tudo isso hoje possa ser indiferente aos novos utentes.

No entanto, alguns problemas existem, ainda que secundários. Referimo-nos ao acanhamento da cantina e à inexistência de ginásio, para cuja solução não deixará certamente de dificultar a ainda não aquisição por parte do Estado de todo o edifício que, assim, continua propriedade da Sociedade de Ensino Liceal e Técnico S. Domingos, SARL.

Ainda um outro problema vem existindo desde o começo: A sua segurança, devido ao isolamento. Prova disso, o assalto nocturno registado já este ano. Mas também aqui o risco vai ser reduzido com a habitação do bairro pré fabricado nos seus limites.

Eis em suma a nossa opinião sobre o que, pensamos constituir os pertinentes problemas do ensino na nossa terra. Outros existirão, como a criação dos Cursos Complementares, mas estes, ficam para uma próxima oportunidade.

F. N.

SAPATEIRA Plantação de Castanheiros

Construção de Novas Calçadas

Dar-se-á brevemente início ao calcetamento de alguns arruamentos nesta povoação obra que, pela injustiça de que foi objecto, era aguardada com grande ansiedade pela população que vive no local. Efectivamente, aquando da reparação de alguns arruamentos efectuada há já alguns anos, o chamado «fundo do lugar» não logrou usufruir de tal benefício nunca chegando sequer a saber qual o motivo real de tal discriminação. Assim criou-se com essa situação uma espécie de contraste típico das grandes cidades. De um lado, o bairro fino com todas as regalias, do outro o subúrbio pobre e desgraçado. Uma Sapateira de primeira e outra de segunda. No entanto, como águas passadas não tocam moinhos, há que relegar para o esquecimento essa ocorrência e fazer votos para que as obras sejam concluídas com a maior brevidade.

J. C.

— Uma campanha da Associação Cooperativa

Está a decorrer em todo o concelho de Castanheira de Pêra uma campanha de plantação de castanheiros promovida pela Associação Cooperativa dos Produtores e Madeiros do Centro, que desta forma se associa às comemorações do «Ano Internacional da Criança» e da «Sema na Florestal Mundial».

Têm vindo a ser distribuídos gratuitamente e de forma equitativa por todo o concelho mais de 750 exemplares de novos castanheiros, podendo ainda ser facultado o estudo dos solos mais apropriados por técnicos da Direcção Geral do Fundo do Fomento Florestal, que também colabora na campanha.

Num comunicado distribuído à população aquela Cooperativa lembra que «em tempos antigos foi o concelho de Castanheira de Pêra povoado de grandes souts de castanheiros que têm vindo praticamente a desaparecer da

O Teatro é Assunto

Um destes dias à tardinha fui até à ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA E CULTURAL DAS GESTOSAS. Entrei pela sala destinada ao bar, tipicamente revestida a cana da Índia e com a sua acolhedora lareira, passei pelas outras reservadas a jogos e convívio, e fui ao 1.º andar, onde reinava uma azáfama característica da encenação do respectivo palco e do ensaio do grupo de teatro. A um canto rabiscando, encontrei a Maria Amélia Henriques, coordenadora e grande dinami-

zadora do grupo. Por isso disparei de imediato a seguinte pergunta:

PB — Maria Amélia, como pessoa indicada estarás disposta a fazer a história do aparecimento deste animado grupo de teatro, uma das actividades que se destaca nesta Associação?

MA — O aparecimento do teatro tem uma história muito simples. Parte dum grupo de pessoas que se encontra nos fins de semana nos bailes da Associação, e que acham que é necessário fazer algo mais pela própria Associação, pelas pessoas, e no fundo, por elas próprias também. Ocupação dos tempos livres, comunicação com as pessoas duma maneira acessível, são ideias que nos motivam a pensar no teatro. Reunimos, escolhemos a peça que julgamos com maior actualidade para o meio em que vivemos, representámo-la e cá estamos com vontade de prosseguir.

PB — Já agora e na continuidade desta conversa informal, gostaria que referisses as adesões verificadas, deslocações, etc?

MA — As adesões verificadas sem serem muitas e as desejadas, são suficientes. E se não há mais, é porque as pessoas se convenceram que temos de andar casa em casa a pedir-lhes que apareçam, que col-

(Continua na página 5)

TORGAL

Melhorada a Rede de Electricidade

Conforme havíamos noticiado em número anterior, os Serviços competentes da Federação de Municípios do Distrito de Leiria vinham procedendo à remodelação de uma parte da rede de abastecimento de electricidade à povoação do Torgal tendo recentemente concluído os trabalhos. As carências nesta matéria eram extremamente acentuadas e a atestá-lo está o facto de, em determinadas horas e dias de maior consumo haveria lâmpadas que não acendiam e máquinas que não funcionavam. As modificações introduzidas são perfeitamente visíveis

J. C.

BOMBEIROS

Iniciadas as Obras no Edifício!

Recentemente foram iniciadas as obras de beneficiação no edifício/sede dos nossos Bombeiros Voluntários cujo estado de degradação de há muito as vinha reclamando. Tenciona-se proceder, nesta fase, a algumas modificações na estrutura do edifício tais como a ampliação do salão de festas com construção de uma cabine de projecção de filmes e uma nova escada de acesso.

Estas obras decorrerão, numa primeira fase, até que se esgote uma verba de 500 contos de que a Corporação dispõe neste momento. O plano total será concretizado em breve, a verificar se a entrega de uma verba de 1.800 contos a atribuir pela Direcção de Urbanização do Distrito de Leiria.

J. C.

região, sem que ninguém se preocupe em renovar esta espécie de árvore», ao mesmo tempo que exorta os proprietários à plantação de castanheiros.

A coordenação do NORTE A SUL regozija-se por esta oportunidade iniciativa que visa a restauração dos velhos souts de castanheiros, relíquia dos nossos avós, e desde já assegura para os seus leitores o depoimento que brevemente nos vai conceder o Secretário Geral daquela Cooperativa, o castanheirense Fernando Correia Bernardo, que, na sua óptica, abordará os diversos aspectos da problemática florestal.

F. N.

Abastecimento de Energia Eléctrica

Frequentes cortes de corrente causam graves transtornos

Nos últimos tempos os frequentes cortes no abastecimento de energia eléctrica ao nosso concelho vêm criando graves dificuldades à indústria e comércio locais e à população em geral. Raro é o dia em que, por períodos mais ou menos longos, as lâmpadas se apagam e as máquinas ficam imobilizadas.

Tal situação não deve, a nosso ver, prolongar-se por muito mais tempo visto que cada hora de paralização custa muito caro. Especialmente numa conjuntura de crise quase generalizada como a que a nossa indústria atravessa presentemente as insuficiências de abastecimento de energia eléctrica provocam inevitavelmente paralizações que não só impedem a laboração com os inconvenientes que daí decorrem como causa prejuízos, de produção, isto é, inutiliza artigos em fabricação cujos custos ascendem a muitas centenas de escudos. O mesmo se passa no comércio, mormente de produtos alimentares, com frigoríficos parados pondo em risco a qualidade destes que, nas mais das vezes, já não é a melhor.

Urge rever estas anomalias! Por enquanto estes riscos não são cobertos por qualquer seguro, e os prejuízos são elevados.

J. C.

Texto e Coordenação de: Francisco H. das Neves, Jorge Carvalho David e Pedro Barros

de Pedrógão Grande Notariado Português

A Propósito dos Ditadorzinhos Municipais

Li, há dias, um artigo que se reportava aos Presidentes das Câmaras Municipais de Lisboa, Loures e Seixal, aos quais o articulista chamava «Ditadorzinhos Municipais» em função das suas diatribes e prepotências. Naturalmente que o autor do artigo ignorava o que se passa pela Câmara Municipal de Pedrógão Grande, facto que, naturalmente, o impediu de aumentar a lista dos ditadorzinhos que proliferam por esse país fora.

A Câmara Municipal de Pedrógão Grande e o seu Presidente são tema, pelo que não falta material para escrever. Vejamos o que se passa:

Por razões que não terão razão de existir, ocorre no concelho de Pedrógão Grande o fenómeno de se terem iniciado várias obras sem que parte das mesmas tivessem sido concluídas. Não vou nem quero admitir que a Câmara as tivesse iniciado sem ter a certeza de contar com as respectivas verbas consignadas. E, também, não quero crer que as obras não se tivessem completado por falta de dinheiro. É que o Presidente da Câmara afirmou várias vezes, e eu também ouvi, que havia muito dinheiro, na ordem dos milhares de contos. Portanto, há que perguntar: Por que não se concluíram as obras? Por inércia ou por falta de tempo? ou por falta de respeito que é devido ao povo? Seja como for, a verdade é que não me restam dúvidas de que o Presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande é um génio no capítulo obras que, na verdade, rivalizam com as de Santa Engrácia! Fundamento esta opinião nos factos que estão à vista de todos, não só na Vila, como na sua freguesia e na freguesia da Graça.

Em relação à Vila — maravilhoso postal ilustrado da inércia da sua Câmara — a maioria das suas ruas estão, praticamente, intransitáveis. Houve, de facto, que levantar pavimentos para que fosse possível executar determinadas obras. Porém, não houve, depois, o cuidado de se taparem, devidamente, os buracos abertos, que com a erosão das águas das chuvas tornaram essas ruas mais esburacadas e convertidas em autênticos lamaçais. Degradas pelas razões a que aludi, parte das ruas de Pedrógão Grande não permitem que por elas se processe a circulação normal de veículos automóveis, independentemente de fazerem perigar a integridade física de quem por elas tenha de passar.

O acesso à área aonde funciona o mercado é outro chavascal de que a Câmara não se envergonha. A lama para além de dificultar o acesso às pessoas que, normalmente, ali vão fazer as suas compras, deixa as suas marcas no calçado e, até, nas roupas. Mas não há olhos que vejam esta miséria!..

Irei falar, agora, um pouco do que se passa pela freguesia da Graça:

O Presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande persiste na construção de um caminho entre Vale da Neta e Carvalheiras que, por servir, apenas, uma ou duas pessoas

e implicar na degradação de outros caminhos já abertos com a colaboração das populações que são, ao fim e ao cabo, os de maior interesse para o povo, já fez correr muita tinta e, até, provou a parcialidade e prepotência do Presidente da Câmara. Creio que o «dossier» deste malfadado caso não será encerrado sem que, primeiramente, se venha a apurar o que, perante a luz da verdade, porá a descoberto o que se julga no segredo dos deuses. Há que saber como foi escamoteado um abaixo assinado que as populações da Graça entregaram há anos, na Câmara e no qual os seus subscritores se insurgiram contra a construção do caminho em causa. Há que saber como foi deturpado e invertidos os objectivos do abaixo assinado apresentado pelas populações na Assembleia de Freguesia da Graça que o remeteu para a Câmara; abaixo assinado esse que, também, se insurgia contra a construção do mesmo caminho. Há que saber por que razão o Presidente da Câmara desprezou e, até, condenou o apelo dado pela Assembleia de Freguesia às populações e, inclusivamente, desprezou o povo. Há que saber qual a legalidade ou ilegalidade e da razões que levaram o Presidente da Câmara a enviar um emissário com 900\$00 importância esta destinada a um residente em Carvalheira, como pagamento de indemnização pelo corte e ocupação de uma parcela de terreno seu que, porquanto com olival e devidamente murado se pretende expropriar para fazer passar nele o tal caminho para o Vale da Neta. Evidentemente que o destinatário não recebeu o dinheiro. Há que saber se o «enviado especial» transmitiu ao Presidente da Câmara o recado que lhe foi dado pelo tal residente em Carvalheira. E caso afirmativo gostaria de saber o que pensa o Presidente da Câmara, dado que, para ele, o aludido abaixo assinado foi manipulado por «fascistas». Dado o muito que há para dizer em relação a este caso, a ele voltarei

num futuro próximo.

O Presidente da Câmara de Pedrógão Grande ordenou a construção de um pontão sobre o Nodel, na estrada Graça-Pedrógão Grande que passa pela Marinha. Sem que nada o justifique, até, porque qualquer projecto pode ser alterado quando se identifique estar errado, o referido pontão que foi erguido sobre uma linha de água que corre na época pluviosa e depois seca, ficou com mais de cinco metros de altura e, apenas, com três metros de largura porquanto se destina a todo o tipo de viaturas, inclusive tractores, atrelados e carros de grande tonelagem e sabendo-se que a estrada, quer de um lado, quer de outro tem mais de quatro metros de largura. Creio que nem o diabo faria tal asnidade; mas fé-la o o Presidente da Câmara apesar de ser engenheiro. Ao fim e ao cabo, o mamarracho a que dão o nome de pontão lá continua isolado e altivo por se saber símbolo da estupidez humana.

Pelo que me foi dado observar falta fazer os encontros para os quais se terão de fazer enormes paredões em função da altura do mamarracho e fazer, também, os aterros depois de se expropriarem terrenos para o efeito. O custo do que se terá de fazer será superior ao custo do próprio pontão, isto porque não se fez a obra como deveria ter sido feita, até por que, com o dinheiro do seu custo se teria feito encontros, aterros, etc. Entretanto a estrada continua e continuará interrompida só porque o mamarracho não tem, por enquanto, qualquer serventia. Mas o dinheiro gastou-se. Em proveito de quem se a obra teve de ficar tal como se encontra?

Com a alegação de se pretender executar a primeira fase do projecto de abastecimento de água a toda a freguesia da Graça, o Presidente da Câmara ordenou a execução dos trabalhos de abertura de valas e colocação de tubagem nos troços compreendidos entre Altardo

(Continua na página 5)

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO
DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA
MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO narrativamente para efeito de publicação que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas n.º 297-A de fls. 6/v.º a fls. 10/v.º se encontra exarada uma escritura de justificação Notarial com data de 23 de Março corrente, na qual ALBINO DO ROSÁRIO COELHO e mulher ARLINDA DA PIEDADE ESTEVES FERREIRA COELHO, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Vila Facaia, concelho de Pedrógão Grande e habitualmente residentes na vila, freguesia e concelho de Castanheira de Pêra, se declaram, com exclusão de outrém, donos e legítimos possuidores dos prédios seguintes:

a) — Casa de arrecadação que se compõe de rés do chão e primeiro andar, sita na Rua da Fonte, na vila, freguesia e concelho de Castanheira de Pêra, que confronta do norte com Maria da Soldade Correia Teles Dinis, nascente e sul com José Alves Bebião e poente com o caminho da Fonte. inscrita na matriz em nome do justificante marido sob o artigo número vinte e oito, com o valor matricial de novecentos e quarenta escudos, e omissa na Conservatória do Registo Predial desta comarca conforme certidão ali passada, que arquivo;

b) — Uma parcela de terreno destinada a construção urbana, sita na vila, na Avenida de São Domingos, com a área de quatrocentos metros quadrados, a confinar do norte com urbano de João Esteves Ferreira, sul com a Avenida de São Domingos, nascente com o recinto dos Bombeiros e poente com o caminho da Fonte, parcela esta que faz parte do prédio inscrito na matriz sob o artigo dezassete mil oitocentos e nove com o valor matricial total de três mil duzentos e quarenta escudos, omissa na Conservatória do Registo Predial desta comarca segundo uma certidão atrás referida, encontrando-se aqueles quatrocentos metros quadrados inscritos em nome do justificante marido. E atribuem a este prédio o valor de dez mil escudos.

Que estes prédios vieram à posse dos referidos Albino do Rosário Coelho e mulher por a estes terem sido dados por seus sogros e pais João Esteves Ferreira e mulher Leontina da Piedade, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais da dita freguesia de Vila Facaia e residentes na vila de Castanheira de Pêra, conforme consta da escritura de doação outorgada no dia dezassete de Abril de mil novecentos e setenta e oito no Cartório Notarial de Castanheira de Pêra e exarada de folhas quarenta e nove verso a cinquenta e duas do livro de notas para escrituras diversas número cento e trinta e cinco, de cuja escritura foi exibida certidão emitida por aquele Cartório em vinte e quatro de Fevereiro último.

Que os referidos prédios vieram à posse daqueles João Esteves Ferreira e mulher por os haverem comprado, metade a Genésio Henriques Melich e

mulher Branca do Céu Paiva Melich, casados sob o regime de comunhão geral, naturais de Coimbra e ela de Oesteira de Soure e residentes em Coimbra na Quinta da Maia, pelo preço de trinta e cinco mil escudos, por escritura outorgada no dia vinte e oito de Janeiro de mil novecentos e sessenta e seis na Secretaria Notarial de Coimbra e exarada a folhas vinte e três verso do livro de notas duzentos e quarenta e cinco daquela Secretaria Notarial, conforme certidão emitida em oito de Fevereiro de mil novecentos e sessenta, que foi exibida;

E metade por a haverem comprado pelo preço de vinte e cinco mil escudos a Dr. Manuel Dinis Correia Pimentel, solteiro, natural da vila de Castanheira de Pêra e residente em Lisboa na Rua Projectada à estrada de Benfica número doze, primeiro, direito, conforme escritura outorgada no dia sete de Março de mil novecentos e sessenta e exarada a folhas vinte do livro de notas para escrituras diversas número cento e noventa e três do Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos.

Por sua vez os referidos prédios vieram à posse dos ditos Genésio Henriques Melich e mulher Branca do Céu Paiva Melich e Dr. Manuel Dinis Correia Pimentel por os haverem possuído em comum e partes iguais em nome próprio durante mais de TRINTA ANOS, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente da vila, e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno, como o amanho da terra, recolha de frutos, conservação e defesa da propriedade, pagamento de contribuições, pelo que sendo uma posse pacífica, contínua, pública e de boa fé durante aquele período de tempo adquiriram os prédios por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição dos referidos prédios para efeito de registo a seu favor na Conservatória do Registo Predial respectiva, dos mesmos.

ESTÁ CONFORME ao original a que me reporto, declarando que da parte omitida nada há em contrário que modifique, condicione, altere ou prejudique a parte transcrita da presente certidão de teor parcial.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos vinte e oito de Março de mil novecentos e setenta e nove.

O AJUDANTE DO CARTÓRIO,
Carlos Augusto Conceição Santos

ATENÇÃO

Faltam só 60 dias, para a inauguração das modernas instalações dos

MÓVEIS COSTA

4 pisos 800 m²

"O maior prédio comercial até hoje construído neste Concelho"

Temos 5 anos de existência. Os preços que praticamos são a razão da nossa expansão.

Faça-nos uma visita e confirme

Um Gerente

José da Silva Costa

TELEFONE 44152 — CASTANHEIRA DE PÊRA

Circule sempre
pela direita

A Prevenção Rodoviária Portuguesa lembra que: a segurança na estrada começa em si! Circule pela direita, sempre o mais possível à direita.

de Pedrógão Grande Secretaria Notarial de Leiria

O Teatro é Assunto

(Continuação da página 4)

Graça e Altardo-Pinheiro Bordalo e, apenas, abertura de valas entre Graça e Casal dos Ferreiros. Foi informado pela Câmara que a primeira fase constaria de obra (conduta adutora, bombagem, reservatório e rede de distribuição até à sede de freguesia) para o que a Assembleia Municipal havia aprovado a aplicação de verba livre da qual a Câmara destinara dois mil contos para esta primeira fase que ao fim e ao cabo iria beneficiar, apenas, a sede da freguesia da Graça, o que considero incompreensível em função de todos os residentes daquela área possuírem os seus poços privativos, exceptuando o proprietário do talho que, por mera coincidência, é um dos Vogais da Câmara.

Verifica-se, entretanto a impossibilidade de se fornecer água à própria sede da freguesia, já porque não existe conduta adutora, sistema de bombagem nem reservatório. Quanto à rede de distribuição ficou pelo caminho... talvez porque, segundo se diz, a água do poço da Soalheira foi dada como imprópria para consumo em função da análise que lhe teria sido feita. De toda esta tristeza, resta-nos verificar a existência de um corte transversal na estrada Altardo-Graça proveniente de uma abertura para passagem dos tubos, corte esse que origina problemas aos automobilistas por não ter sido, devidamente, tapado e alcatroado. Verifica-se, também, que a vala que fora aberta entre Graça e Casal dos Ferreiros já está obstruída pelas terras saídas das infra-estruturas da própria estrada, fenómeno que só foi possível em função das águas das chuvas terem aluido as paredes da vala aberta. Portanto essa vala terá de ser aberta, de novo — o trabalho de máquinas quanto custa? — e a Câmara terá de mandar proceder à reparação da estrada antes que provoque grave acidente por estar na iminência de aluir.

Posto o assunto em relação ao hipotético abastecimento de água à Graça, há que perguntar: Se não é a mania de fazer obras para as não concluir, para que se fez o muito pouco que está feito? E quanto se gastou?

Para quando, finalmente, o abastecimento de água à Graça?

Mudando de assunto irei falar do cemitério que está por construir apesar de se saber que o antigo está mais que superlotado. O projecto do novo cemitério está feito e aprovado, há muito Dinheiro para a sua construção também havia, pois que o presidente da Câmara chegou a dizer que iria arrancar com essa obra no princípio do ano findo. O que haverá, então, a impedir a sua construção? Como e onde se enterrarão os nossos defuntos

num futuro próximo? Por que se disse, no ano findo, que se iria iniciar a sua construção? Responda quem o souber.

Em relação às obras que se iniciaram e não foram concluídas ou aquelas que não foram feitas e que deveriam estar prontas nada mais direi por hoje, poquanto breve voltaremos ao assunto.

Sendo a Câmara constituída por um Presidente e quatro Vogais, perguntarei porque prevalece a vontade do Presidente? Dois dos elementos da Vereação são pessoas credoras do meu respeito e consideração. São homens dignos o que não quer dizer que os outros, também, o não sejam. Esses dois vereadores a que me reputo são pessoas qualificadas pelos seus conhecimentos. Por sua vez, o Presidente, que considero inexperiente não deu, até hoje, provas da sua competência ou de comedimento. Antes, tem provado, com os seus actos em relação a várias determinações camarárias, ser um ditadorzinho muito teimoso o que nada abona em favor da sua pessoa como Presidente da Câmara, dadas as injustiças que têm sido cometidas não sabemos se por maldade se para agradar a alguém. De qualquer modo algo está errado em relação às actividades da Câmara, o que me leva a perguntar se os dois edis a que me referi não têm coragem para bater o pé ao Presidente e dizerem Não quando o deverão fazer ou se o fazem e são vencidos pelos outros dois edis com o desempate do Presidente? Seja como for toda a Vereação poderá ser chamada a responsabilidade pelos dinheiros gastos em obras que não foram concluídas ou por actos lesivos ao povo, como por exemplo o caso do caminho que se pretende fazer entre Vale da Neta e Carvalheiras. E' que porquanto o Presidente da Câmara tenha tido o aval do Governador Civil do Distrito de Leiria que tem confiado nas suas informações, poderá acontecer que o Ministro da Administração Interna envie, qualquer dia, alguém da sua confiança para no próprio local tire as devidas ilacções de que lado está a razão e como têm sido manipuladas algumas pessoas. Tudo é possível e para tanto há muita gente interessada.

E por hoje é tudo.

A. Luís Ferreira

SR. AUTOMOBILISTA

Os instrumentos de sinalização do seu veículo são os órgãos de comunicação de que na estrada dispõe para transmitir as suas intenções.

Por isso a Prevenção Rodoviária Portuguesa aconselha que, com tempo, dê conhecimento do que vai fazer aos outros utentes da estrada.

PRIMEIRO CARTÓRIO

Notário: — Llo. João Caetano Nunes Guerreiro

CERTIFICO que, por escritura de 29 de Março findo, exarada de fls. 2 v.º, a fls. 12, do livro de "Escrituras Diversas" E-n.º 85, deste Cartório, foi constituída por tempo indeterminado, a Cooperativa denominada "ABECOOP — Cooperativa Textil da Abelheira. Sociedade Cooperativa de Responsabilidade Limitada", com sede no lugar de Abelheira, freguesia e concelho de Castanheira de Pera.

O capital social é variável e ilimitado, sendo constituído pelas quotas dos associados, cada uma do valor de cem escudos, no montante total inicial de mil e trezentos escudos.

Podem ser associados da cooperativa:

Um — Os subscritores da citada escritura;

Dois — Os trabalhadores efectivos de qualquer actividade que ela venha a realizar directamente ou associada a outra pessoa que como tal sejam admitidos pela assembleia geral.

Perdem a qualidade de sócios:

a) — Todo aquele que, no prazo de cento e oitenta dias a contar da data da admissão, não tenha pago o valor de sua acção, salvo motivo justificado;

b) — Todo aquele que perder a qualidade de trabalhador referida no número dois, atrás indicado.

Vai conforme ao original e na parte omitida nada há em contrário ou além do que se narra ou transcreve.

Leiria e Secretaria Notarial, aos dez de Abril de mil novecentos e setenta e nove.

O Ajudante da Secretaria Notarial,
José de Jesus Duarte

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE
SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS
SERVIÇO DISTRITAL DE LEIRIA

AVISO

Nos Utentes dos Serviços Médico-Sociais

Foi autorizada a distribuição de recetário dos Serviços Médico-Sociais pelos estabelecimentos de Saúde dependentes do Ministério dos Assuntos Sociais (Hospitais, Centros de Saúde, etc.), para ser utilizado a favor dos utentes, os quais devem apresentar o respectivo cartão de beneficiário ou o cartão de utente dos S.M.S. (mod. 02 - Despacho 20-7-78), sem o qual não podem usufruir gratuitamente de consultas médicas, internamentos em enfermaria e prescrição de medicamentos nos moldes em uso nos S.M.S. Assim não se justifica qualquer pedido de reembolso resultante daquelas prestações.

Esclarece-se, todavia, que os diplomas que vieram possibilitar a distribuição não permitem a cedência de recetário dos Serviços Médico-Sociais a médicos que exerçam a sua actividade em consultórios particulares, em regime de clinica privada, bem como a transcrição de receitas prescritas em consultórios particulares.

A COMISSÃO DE GESTÃO

LEIA,
ANUNCIE,
E DIVULQUE
"O CASTANHEIRENSE"

(Continuação da página 3)

borem, que necessitamos delas, o que afinal nunca se verificou e possivelmente nunca acontecerá. O grupo tem as portas abertas para quem quiser entrar, bastando para isso comunicar a um dos elementos do grupo, nada mais.

Quanto à segunda parte da pergunta, tenho a dizer que fomos participar num Encontro de Grupos Amadores de Teatro da Zona Norte do distrito de Leiria, realizado na Guia, em fins de Novembro princípios de Dezembro, com o apoio do FAOJ, onde representámos a tal peça escolhida entra nós, «O AUTO DO CURANDEIRO» que parece foi apreciado, pois mais tarde na Associação, o referido FAOJ veio fazer filmagens desta peça para aproveitar em Encontros de Teatro futuros.

Mais deslocações, apenas duas representações no Sport, nos dias 17 e 18 de Fevereiro, tendo já convites para a zona de Leiria Pombal, de Grupos que estiveram connosco no Encontro, contando satisfazê-los brevemente.

PB — Para terminar, seria interessante que fosses o porta voz das principais carências e dificuldades com que se debatem, bem como dos apoios e soluções que acham indispensáveis.

MA — Carências e dificuldades são muitas e as mais variadas. Primeiro o meio onde estamos inseridos. Um meio fechado, em que as pessoas em vez de ajudarem e apoiarem iniciativas destas, tentam destruir o que uns poucos fazem. O motivo não irei agora debruçar-me sobre ele, direi apenas a essas pessoas que se

sabem, querem e podem fazer melhor do que o que tem sido feito, pois muito bem, para a frente, não com palavras mas com acções e terão em nós os primeiros a apoiar essa atitude.

Soluções para o futuro, será indispensável referir o apoio, não só moral, sobretudo monetário. Como sabes, apesar do grupo estar ligado à Associação, não pode contar com o seu apoio, pois esta necessita de verbas para as obras que se encontram na fase de acabamentos, também uma das razões porque o grupo se formou: angariação de fundos para ir ajudando a completar a sede da Associação.

E para terminar, aproveito a oportunidade para fazer daqui um apelo a todas as Associações e Clubes da zona. Constituam grupos de teatro. Litem para que a cultura se vá enraizando nas pessoas. Sem se importarem ser mal ou bem feito, importa realmente é fazer alguma coisa, é darmos algo de nós em favor dos outros, fazendo-os esquecer, por momentos as agruras da vida.

Contamos ainda com o apoio do FAOJ e da secção de actividades culturais da Câmara e estamos à disposição doutras Associações.

Para ti, e para vocês os componentes do grupo desejo coragem e felicidades, resta-me dizer. Coragem para não desanimarem, de forma a continuarem este entretenimento válido. Felicidades porque merecem mais que a política de copos e a bisbilhotice de trazer por casa!

PEDRO BARROS

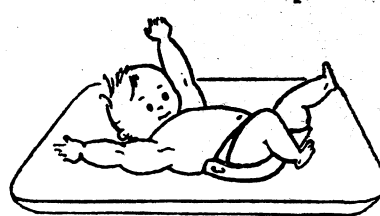
Anuncie neste Jornal

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

As Nações Unidas convidam-vos a renovar o vosso interesse pelas crianças em todo o mundo...

A CRIANÇA TEM DIREITO:

A afeição, amor e compreensão.
A alimentação apropriada e cuidados médicos.
A educação gratuita.
A verdadeiras oportunidades de recreio e diversão.



A um nome e nacionalidade.
A cuidados especiais no caso dos deficientes.
A estar entre os primeiros a receberem auxílio na ocorrência de catástrofes.

A aprender a ser um membro útil da sociedade e a desenvolver as suas capacidades individuais.

A crescer num clima de paz e fraternidade universais.
A usufruir destes direitos qualquer que seja a sua raça, cor, sexo, religião e origem nacional ou social.

O Ano Internacional da Criança é uma oportunidade para nos debruçarmos sobre as crianças e põ-las no lugar que lhes é próprio — no centro das preocupações do mundo... no centro das nossas preocupações Jovens, que vamos fazer?...

(In «Movimento»)

Carlos Batista

ADVOGADO

TELEFONE 99653

LOUSÃ

Fernando Manata

ADVOGADO

Telefones { 42234
42125

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

AUTOMÓVEIS

Deseja comprar, vender ou trocar o seu Automovel ou Forgunete a gasolina ou a gasoil?

Consulte

AUTO PONTE DE ARROIOS, L.^{DA}

DE MANUEL TOMAZ & FILHOS

Rua de Arroios, 152-A

Telefones 4 01 85 e 53 80 34

LISBOA-1

- Fibras artificiais e Sintéticas
- Desperdícios de Algodão e fibras
- Algodão em Rama
- Trapos de Lã e Algodão

Fornecedores de matérias primas para a indústria de lanifícios há mais de 50 anos

L. FARGE, LIMITADA

Rua de Freixo, 1291

PORTO

Telefones: Urbano 51094 — Estado 197

Telegramas: EGRAFE-PORTO

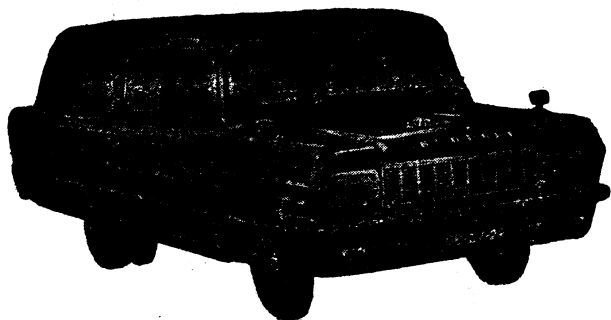
Agente em Castanheira de Pera: Ossa José Coelho Junior

A Funerária de Moscavide

| DE |

Saul Alves Rosa e Fernando Alves Rosa

Av. Almirante Gago Coutinho — MOSCAVIDE — Telefone 2 51 91 57



Exclusivo desta Agência

FILIAL A FUNERÁRIA DE SACAVÉM

R. José Augusto Braancamp. 26 — Telefone 2 51 91 57

SACAVÉM

Funerais, trasladações e artigos religiosos

Correspondente em Lisboa, SAUL ALVES ROSA

Rua das Olarias 16 — Telefone 86 32 74

SERVIÇO PERMANENTE

Amilcar Sandinha
ADVOGADO

Telefones { Escriit. 99 172
Resid. 99 436

LOUSÃ

Em Castanheira de Pera

As Sextas-feiras — Semanalmente

MENTOS

APONTA

Conselho Coordenador do Serviço Nacional de Bombeiros tomou recentemente posse. São tarefas prioritárias deste novo organismo o reordenamento das organizações associativas dos Bombeiros, criação da Escola Nacional do Fogo e reestruturação da problemática seguradora no que concerne a pessoal e viaturas.



Realizou-se recentemente, em S. Pedro de Muel, um almoço em homenagem ao Dr. Rocha e Silva que, como já anteriormente noticiámos, cessou funções no cargo de Governador Civil do nosso Distrito. A este acto compareceram algumas personalidades da vida política regional e nacional bem como inúmeras pessoas que assim quizeram testemunhar a sua amizade pela figura de democrata e de homem íntegro que é o Dr. Rocha e Silva.



Os trabalhadores da fábrica de lanifícios da Abelleira constituíram recentemente uma cooperativa salvaguardando, deste modo, os seus postos de trabalho. Atravessando desde há algum tempo uma grave crise, a situação de instabilidade vivida nesta empresa criava, como é óbvio, um clima de intranquilidade no seio dos trabalhadores e suas famílias que progressivamente vinham adivinhando o seu futuro com grande apreensão. A nova cooperativa está já devidamente legalizada e tem a direcção constituída. A laboração deve iniciar-se a todo o momento.



Muito comentado já na imprensa, registamos aqui um facto de transcendente importância para a nossa região. Segundo foi anunciado por um alto responsável da hierarquia militar os relevantes serviços que têm vindo a ser prestados à comunidade pela Força Aérea vão ser suspensos. É de todos conhecido o enorme contributo que os meios aéreos vêm dispensando à protecção das nossas matas e ao combate a incêndios que, apesar de tudo, se têm mostrado insuficientes.

A concretizar-se tal intenção, cada vez mais o nosso património florestal ficará à mercê das catástrofes e das mãos criminosas dos incendiários.



O nosso jardim, que durante muito tempo esteve em perfeito estado de abandono perdendo todo o encanto que o havia tornado bastante conhecido, está, de dia para dia, a melhorar mercê do cuidado dispensado ao seu conveniente tratamento. Em recente visita pudemos constatar que o jardim está, na verdade, a readquirir as suas invulgares qualidades de beleza que bem merecem ser preservadas.

J. C.

Albertino Henriques da Silva, Lda.

Tem para venda:



Moradias, Prédios, Andares e Lojas,

nas zonas de

LISBOA E SETÚBAL

SEDE:

Rua do Garrido, 73-1.º

Telefs. 88 72 01 - 88 51 96

LISBOA

FILIAL: Prédio Fiat

R. Gen. Daniel de Sousa, (Prol.) 3.º P. D.

Telef. 25 991

SETÚBAL

ANDARES DESDE 200 CONTOS

Juro 7,5%.

INFORMA Joaquim Marques David

Telefs. { Castanheira de Pera 44158
Lisboa 58940

Manuel Henriques Coelho

**Fábrica
de artigos
de cimento**

Depósitos para vinho e sulfato, Blocos para garrafeiras, Grelhagem decorativa, Postes para vinhas e parreiras, Placas para poços e vedações, Marcos, Balizas para sinalização de estradas, Manilhas, etc.

Com Vibração em Alta Frequência

Telef. 45418 Pedrógão Grande

Pinheiro do Bolim

Pedrógão Grande

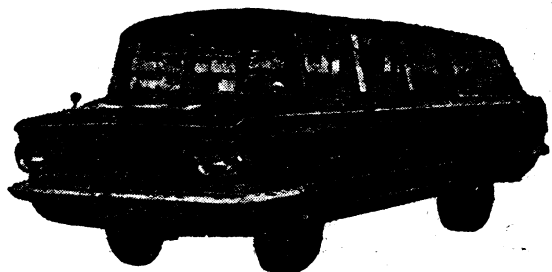
Antiga Agência Funerária Mega

FUNDADA EM 1891

Da firma: **MAURÍCIO LOPES MEGA & C.ª L.ª**

Lisboa — Largo das Olarias, 48

Telefones 86 34 32 e 86 12 40



Exclusivo desta Agência

Funerais e Trasladações, em todo o país e para o Estrangeiro, possuindo os melhores e luxuosos Autos Carros do país

SERVIÇO PERMANENTE

FALECIMENTOS Oficina de Latoeiro O Coentral em foco

Sebastião Francisco Correia

Com 75 anos de idade, faleceu recentemente nesta localidade, o Sr. Sebastião Francisco Correia.

Pessoa bastante estimada por todos quantos com ele con-



Sebastião Francisco Correia

viveram, a sua morte foi muito notada.

Era irmão da Sra. D. Maria da Soledade Correia, e dos Srs. Abílio Francisco Correia, casado com D. Sara Correia, Manuel Francisco Correia, casado com D. Palmira Teixeira Correia, António Francisco Correia e José Francisco Correia, (já falecido), casado com D. Piedade Tomás.

O seu funeral que se realizou para o cemitério desta vila, foi muito concorrido.

Maria da Piedade Henriques

Na sua residência no lugar do Amizal, faleceu no passado dia 2 do corrente mês, a Sra. D. Maria da Piedade Henriques, que contava 66 anos de idade.

Pessoa dotada das mais nobres qualidades de trabalho e honestidade, deixou em todos que com ela conviveram, a mais profunda saudade, e muito em especial no seio dos seus familiares.

A saudosa extinta era casada com o Sr. Ramiro Henriques, e mãe amantíssima das Sras. DD. Laurinda Henriques, Maria de Lurdes Henriques, Violeta Henriques Simões Coutinho, Ilídia da Conceição Henriques, Clara Maria Henriques Costa, Maria Fernanda Henriques Antão, Maria Delmira Henriques Costa e Piedade Henriques Antão e dos Srs. João Henriques, António Henriques, Fernando Henriques e Domingos Henriques.

O seu funeral que se realizou no dia seguinte para o cemitério municipal desta Vila, constituiu uma bem sentida manifestação de pesar, nele se tendo incorporado elevado número de pessoas, que assim quiseram prestar a sua última homenagem à bondosa senhora, acompanhando-a à sua última morada.

José Simões Cövado

No passado dia 23 faleceu nesta vila o Sr. José Simões Cövado, conceituado comerciante nesta localidade.

Contando 69 anos de idade, o Sr. José Simões Cövado, era por todas as pessoas que com ele conviveram, bastante estimado, pois as suas qualidades de trabalho e honestidade bem o recomendavam.

Era casado com a Sra. D. Maria Madalena Carvalho Simões e pai das Sras. DD. Maria Júlia Carvalho Simões, Maria Aline Carvalho Simões e Clotilde Carvalho Simões casada com o Sr. Osório Dinis Antunes.

Era ainda avô do menino José Horácio.

O seu funeral, realizou-se com grande acompanhamento para o cemitério desta vila.

José Tomás Henriques Novo

Natural do lugar da Sapateira, faleceu o Sr. José Tomás Henriques Novo, que contava 74 anos de idade.

Pessoa bondosa por natureza, o seu desaparecimento, causou em todas as pessoas das suas relações a mais profunda saudade.

Era pai das Sras DD. Vitalina Tomás Henriques, casada com o Sr. Amadeu Simões do Rio Duarte e Maria Tomás Henriques, casada com o Sr. José Rodrigues Caetano.

Era ainda avô das meninas Maria Júlia, Paula e do menino Fernando Manuel.

O seu funeral que com grande acompanhamento se realizou para o cemitério desta vila, foi uma bem sentida manifestação de pesar.

Jaime Manuel Bravo Serra

Natural de Cernache do Bonjardim, faleceu recentemente no Fundão, o Sr. Jaime Manuel Bravo Serra, que entre nós exerceu há já alguns anos, o cargo de chefe da Secretaria da Câmara Municipal, tendo também desempenhado o cargo de chefe da redacção deste Jornal.

Contando 77 anos de idade, era viúvo de D. Maria Preciosa de Sepúlveda Bravo Serra e pai da Sra. Dr.ª D. Maria Manuela Bravo Serra Santos e do Sr. Dr. José Manuel Bravo Serra, Juiz de Direito, no Tribunal da Boa Hora, casado com a Sra. D. Neide Maria Pacheco Serra e avô de Pedro André Bravo Serra.

Era ainda irmão dos Srs. Juiz Desembargador Dr. José Maria Bravo Serra, António Bravo Serra e Artur Bravo Serra, que foi director do Banco de Angola, em Luanda e da Sra. D. Maria do Céu Bravo Serra, todo falecidos.

«O Castanheirense» apresenta a todas as pessoas das famílias enlutadas os seus mais sentidos pêsames



AGRADECIMENTO

Carlos Alberto Correia de Carvalho

A família de Carlos Alberto Correia de Carvalho, na impossibilidade de agradecerem pessoalmente a todas as pessoas que de qualquer maneira manifestaram o seu pesar pelo falecimento deste seu ente querido e o acompanharam à sua última morada, aqui deixam penhoradamente o seu reconhecimento.

Castanheira de Pera, Abril de 1979.

De há muito que nesta Vila deixou de existir uma Oficina de Latoeiro onde as donas de casa possam mandar reparar os seus utensílios doméstico de reparação carecidos.

Os «amola-tesouras» e chapeleiros também raramente aparecem.

Somos informados que no LAR DE IDOSOS DE SÃO JOSÉ se encontra como Utenente um indivíduo que noutro tempo foi AMBULANTE e se dedicava, não a amolar tesouras, mas a consertar tudo que fosse de folha ou seja serviço de LATOEIRO, bem como pode exercer também o encargo que caiba a um CHAPELEIRO.

Desta maneira todas as pessoas que careçam de tais serviços podem telefonar ou mandar ao LAR DE IDOSOS solicitar a cooperação do indivíduo que a tais trabalhos se dedica, como passatempo.

Assinar «O Castanheirense» é, além de ser amigo da sua Terra, concorrer para o seu progresso!

Sociedade de Ensino Liceal e Técnico S. Domingos, S.A.R.L.

CONTAS DO EXERCÍCIO DE 1978

Aprovadas por unanimidade na Assembleia Geral Ordinária de 31/3/1979

CONTAS	ACTIVO	PASSIVO
DISPONÍVEL		
Bancos	1 085.324\$90	
Caixa	1.997\$60	1.087.322\$50
REALIZÁVEL		
Acções		27.000\$00
IMOBILIZADO		
Despesas Constituição	20.426\$50	
Edifícios	2.080.000\$00	
Instalações	48.466\$80	
Móveis e Utensílios	99.718\$40	
Terrenos	50.000\$00	2.298.611\$70
EXIGÍVEL		
Devedores e Credores		27.068\$40
CAPITAL E RESERVAS		
Capital Social	1.000.000\$00	
Fundo de Amortizações	783.911\$70	
Subsídios Oficiais	1.156.000\$00	2.939.911\$70
RESULTADOS		
Encargos e Proventos		445.954\$10
CONDICIONADO		
Cauções Estatutárias	45.000\$00	
Credores por Cauções		45.000\$00
	3.457.934\$20	3.457.934\$20

S. E. & O.

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Dando cumprimento às disposições legais e estatutárias que me são conferidas na qualidade de Presidente do Conselho Fiscal da Sociedade de Ensino Liceal e Técnico São Domingos, S. A. R. L., e tendo acompanhado a acção de gestão do Conselho de Administração desta Sociedade, sempre que tenho tido oportunidade, tenho verificado que, apesar de presentemente a acção do mesmo Conselho estar apenas limitada à cobrança da renda do Edifício e do pagamento de encargos normais, verifico que a acção do mesmo Conselho tem sido sempre a zelar com o maior afincio os interesses da Sociedade e, por isso, aprez-me propor:

- 1.º — Que aprovele as Contas do Exercício de 1978, que oportunamente serão apresentadas para o efeito;
- 2.º — Que continue a dispensar ao Conselho de Administração, franca e leal colaboração, representativa da nossa confiança na sua acção na resolução dos assuntos de interesse vital para a nossa Sociedade.

Castanheira de Pera, 28 de Fevereiro de 1979

O PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

Ernesto Marreca David
Médico

Flávio R. Moura

SOLICITADOR

TELEFONE P. F. 42 217 — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Um Tijolo mais...

(Continuação da última página)

As realidades da nossa região são sobejamente conhecidas de todos nós porque, como naturais dela, sabemos daquilo que existia de facto no tempo dos nossos avós, no dos nossos pais e agora no nosso tempo. Poderemos compará-las e, se tivermos um mínimo de consciência, podemos dizer que não há semelhança alguma entre estas épocas.

O mundo corre e avança e homem terá de o acompanhar na sua órbita. Terá de progredir, de avançar de olhos bem abertos, rumo ao futuro. A sua futura existência dependerá da maneira como agora realizar as suas obras, tal como a sobrevivência de uma casa depende, em princípio, dos seus alicerces. O alicerçamento do futuro da nossa terra é feito hoje, no dia a dia, com o nosso esforço, o nosso trabalho, as nossas pequenas contribuições.

Se queremos ter uma terra socialmente digna de se orgulhar dos seus filhos temos de contribuir, temos de dar, temos

de pôr à sua disposição aquele elo que nos liga como seus filhos: a união!

Uma união bem alicerçada, de raízes profundas e fortes, contribuirá para o nosso engrandecimento, para o da nossa terra, da nossa região.

Nós, que longe da nossa terra temos a nossa vida, o nosso trabalho, a nossa família e, apesar dos problemas do dia a dia, ainda teremos que ter tempo para pensar nesse rincão, lá perdido na terra, mas onde nascemos. Se bem que, por vários motivos, quer profissionais quer familiares não possamos contribuir fisicamente na obra diária de edificação do nosso concelho, podemos contribuir financeiramente para essa realidade.

Não se alarmem! Não pretendemos pedir dinheiro a ninguém. Não é nossa intenção «meter» a mão no bolso a nenhum dos leitores. Não! Pretendemos, e isso sim é que cada um de nós contribua de livre vontade, com amor, com carinho, para a emancipação social da nossa terra.

Alguns poderão perguntar: Mas contribuir como?... Para quê?...

A resposta é simples!...

Todos nós temos alguma coisa a pagar nas Repartições de Finanças. É um selo para o carro, por exemplo! O dinheiro deste selo, segundo a Lei, será propriedade da Câmara Municipal. Se cada um dos castanheirense que possuem carro comprar o respectivo selo na C. M. da sua terra, pois estará a contribuir para que a nossa C. M. possa fazer mais obras, muitas daquelas pequenas obras que aqui são referidas.

Esta nossa pequena ajuda irá contribuir para a retirada das algemas que a burocracia, o passado e todo um presente conjunto de acções negativas, colocaram nos fortes pulsos do progresso das nossas aldeias.

Embora haja quem vá considerar esta ideia de oportunista o que pretendemos é chamar a atenção a todos os coentralenses e a todos os castanheirense para colaborarem, de qualquer forma, na grandiosa obra que é a edificação diária da nossa terra, do nosso concelho.

Tijolo a tijolo se constrói uma casa!...

João M. Simões



AGRADECIMENTO

Maria Amélia Henriques dos Santos

Sua família na impossibilidade de o fazer a todos directamente, como era seu desejo, vem muito sensibilizada, agradecer por este meio a todas as pessoas que se incorporaram no seu funeral e às que de qualquer modo, manifestaram o seu pesar.

Castanheira de Pera, Abril de 1979.

Minha mãe, meu doce bem,
Única luz do meu dia!
— Só as mães são nesta vida,
Irmãs da Virgem Maria.
João Grave



O Castanheirense



A Brabura, bem ou mal,
Pode assim ser resumida:
Colocar-se um Ideal
Acima da própria vida!
Luiz Otávio

FUNDADORES: Dr. José Fernandes de Carvalho e Eduardo Silva

NUMERO AVULSO, 1450

Pela Paz — Pela Democracia — Pela Justiça Social

AVENÇADO NO CORREIO

PONTO DE VISTA

Por Jorge Carvalho David

8

Ponto de Vista Nunca Visto

Mais um Ponto de Vista vem a lume em «O CASTANHEIRENSE» dando continuidade a uma sequência de crónicas que de algum tempo a esta parte se vêm oferecendo (ou impondo...) aos leitores deste jornal. Umas melhores, outras piores, nenhuma excelente, temos consciência, através delas se tem procurado ventilar determinados assuntos mais ou menos polémicos exclusivamente no intuito de, acerca deles, fazer alguma luz que inevitavelmente se obtém na discussão gerada aos mais diversos níveis. Constituirá cada crónica uma «pedrada no charco» ou melhor dizendo várias pedradas nos mais diversos charcos. Bom! Convém não alongar a questão, já que se não pretende fazer aqui, por agora, o balanço ou a avaliação de valor do conteúdo das ainda não muitas crónicas produzidas. Sejamos objectivos e confessemos que só por falta de um tema de interesse que permitisse elaborar um texto com conteúdo palpável e com cabeça, tronco e membros, fomos forçados a alterar a rota habitual quebrando a rotina. Só quem, como nós, está afetado pelo prazer de produzir uns escritos de quando em quando para jornais de província, onde os horizontes de reflexão são necessariamente mais limitados, poderá ter perfeita consciência de quanto é difícil, por vezes, descobrir um tema que interesse ao leitor. É que se estabelece um binómio angustiante, tema/engenho e arte parafraseando Camões, que quase nos imobiliza os dedos sobre as quarenta e tal teclas da máquina de escrever a que a gente cá da redacção chama de «rotativa». E assim se fica perante o dilema de ou não haver assunto para elaborar a crónica que por razões várias não deve ser interrompida, ou, havendo-o se não dispôr, momentaneamente, de dados que permitam desenvolver um trabalho minimamente qualificado ou o tal engenho e arte não esteja do nosso lado. É portanto o que sucede desta vez e assim aparece um «Ponto de Vista» avesso a todos os outros, que se vira para dentro de si mesmo e que se pretende que não venha a fazer carreira. Certamente que, de futuro, voltará ao seu contexto habitual analisando assuntos vivos da nossa vida quotidiana.

Jovem Assassinado Pelo Próprio Pai!

(Continuação da primeira página)

excursão ao Norte do país. Entretanto procuraria o António Carlos e a irmã que se encontravam num baile nas redondezas onde os tentou agredir, particularmente a filha, no que foi impedido por alguns presentes. O infeliz rapaz, presumindo que o pai, uma vez chegado a casa, iria concretizar os seus intentos, o que efectivamente viria a suceder, decidiu vir em auxílio da mãe e da irmã que, frequentemente, eram alvo da ira do pai. terá sido neste momento que o António Carlos seria atingido com um tiro de caçadeira no coração, como, aliás, o relatório da autópsia viria a provar. Transportado ao médico para ser assistido, de nada lhe valeria porquanto já aí chegou morto. Segundo apurámos o António Carlos, que em tempo foi estudante, trabalhava actualmente em diversos serviços e gozava de simpatia no seio dos vizinhos e amigos. A atestar este facto está a grande afluência de pessoas ao seu funeral, que se realizou no passado dia 17 para o cemitério da Graça, manifestando deste modo o seu pesar por tão sinistra ocorrência.

O autor do crime foi, de imediato, entregue às autoridades estando de momento a aguardar julgamento.

Assim se extingue uma vida no auge da sua juventude vítima, ao fim e ao cabo, de uma sociedade ainda impregnada de de muitos defeitos: — Ignorância, inconsciência, enfim, incivilização. Uma sociedade em que o rancôr e a violência frequentemente se sobrepõem, de modo implacável, aos mais elementares direitos do cidadão: O Direito à vida, neste caso particular!

«O CASTANHEIRENSE» nos outros jornais

O jornal A VOZ DA GRAÇA, o único órgão da comunicação social no concelho de Pedrógão Grande, que sob a direcção do Sr. Padre Anibal Henriques Coelho se publica na vizinha freguesia da Graça, transcreveu na sua edição de Março a «Carta Anónima» que o nosso habitual colaborador Francisco Neves assinou na sua «Crónica da Fraga» do nosso número de 25 de Fevereiro.

Gratos pela deferência.

FUTEBOL O Coentral em foco

Um Tijolo Mais...

O SPORT no Distrital da II Divisão da A. F. de Leiria

Prossegue o Distrital de Futebol da II Divisão da A. F. de Leiria prova na qual o Sport ocupa o 2.º lugar (Zona A) a duas jornadas do fim. Depois de um começo um tanto irregular o SPORT tem ultimamente tido um comportamento bastante meritório, proporcionando agradáveis exhibições ao seu público, que, em grande número vem acompanhando a nossa equipa.

Terminada a prova contamos fornecer aos nossos leitores o mapa geral de resultados e completa classificação final, bem assim o habitual comentário.

Entretanto, passamos a indicar os resultados obtidos pelo Sport na 2.ª Volta, e classificação geral actualizada:

Resultados da 2.ª Volta

Sport 4 — Albergaria 0

Abiul 2 — Sport 4

Sport 1 — Pedrógão Grande 1

Ansião 1 — Sport 0

Sport 3 — Pelariga 1

Alvaizere 0 — Sport 1

Almagreira 0 — Sport 1

Sport 5 — Chão de Couce 2

Ramalhas 0 — Sport 4

Classificação Geral:

1.º — Ansião	20 16 3 1 55
2.º — Sport. Cast.ª Pêra	20 13 3 4 49
3.º — Alvaizere	20 12 5 3 49
4.º — Chão de Couce	20 13 2 5 48

12.º — Charneca 20 80

A nossa equipa tem vindo a apresentar, sob a orientação do técnico Vasco Rosinha, a seguinte formação:

Zé Maria, Vitor, Prata, José Domingues, e Fernando; Lourenço, Domingos e Cantador; Fernando José, Inglês e Tito

Suplentes: Armando, José António e Mondego.

Faltam realizar os seguintes encontros: Sport — Pousaflores e Charneca — Sport.

F. N.

Guia Geral

dos Caminhos de Ferro

Edição de Fevereiro

Com a regularidade habitual, e completamente actualizado, acabamos de receber exemplares da edição de Fevereiro do «Guia Geral dos Caminhos de Ferro».

Esta publicação mensal é, sem qualquer espécie de dúvida, de grande utilidade para todos quantos se servem da rede ferroviária nacional, e serviços internacionais, para efectuem as suas deslocações de negócios ou turismo.

A «Editorial Aliança» — Rua Formosa, 49 do Porto — que publica este último guia de bolso vai para 47 anos envia-o a todos os interessados que aos seus pedidos juntem dez escudos, em selos, para despesas de expediente e portes.

Esta edição de Fevereiro do GGC inclui ainda informação como: Horários dos Serviços Internacionais; Horários de Aviação dos voos Internos; passatempos de viagem além de muito úteis informações comerciais e outras de interesse turístico.

Sobre a criação da Lei das Finanças Locais, que tanto tem dado que falar, poderemos ter ainda mais algumas considerações.

Sabemos — porque o sentimos! — que a nossa terra, o nosso concelho, têm carências que só poderão ser ressaltadas com avultadas quantias que a Câmara Municipal não possui. Sabemos, também, que a Câmara Municipal tem de esperar que os organismos centrais decidam autorizar ou não a execução de determinadas obras, não possuindo a edilidade a necessária autonomia para poder concretizar os sonhos das nossas gentes.

Com a criação de dita Lei,

já as Câmaras Municipais poderão contar, à partida com determinadas verbas sem estarem à espera que as «grandes» cabeças que regem este país se condoam com as misérias existentes na província.

Cada C.M. poderá realizar então, pequenas obras que, embora sejam pequenas na importância do sifão, poderão ser enormes nos benefícios que darão. O calcetamento de uma rua, a manutenção económica de um baldio, a conservação de um património, enfim aquelas pequenas realizações que engrandecem sócio-económico e culturalmente uma aldeia, uma região.

(Continua na página 7)

CRÓNICA DA FRAGA

Francisco Neves

OS BOTÕES DA RÁDIO E DA TELEVISÃO

Se bem que sem saudade, recordamos ainda a nossa efêmera passagem de alguns meses por São Paulo — Brasil, onde pudemos constatar ao vivo a enorme audiência que tinham as tele-novelas, naquele tempo a «Selva de Pedra» e o «Cavalo de Aço», que a TV-Globo proporcionava aos seus tele-espectadores.

Efêmera passagem, mas suficiente para, de volta, logo notarmos a diferença de Kms da nossa TV-Portuguesa: tudo parecia soar a choco, programas mortos e quanto a locutores uma velhada.

Pouco a pouco, porém, a nossa TV foi-se remodelando e hoje o tele-espectador português já se senta à frente do ecran com outro agrado. Temos uma equipa de jovens locutores que vieram substituir a velhada, as tele-novelas brasileiras vieram também até nós, perante o agrado geral e outros programas vivos surgiram que vieram reembarcar mesmo os velhos aparelhos... Com agrado, registamos também a alteração recentemente verificada: a já não coincidência do «Jornal da Noite» na RDP com o «Jornal RTP-1», antes simultâneos às 20 H. Aplausos por um lado, mas fortes desaplausos por outro, na medida em que o colocaram em cima do Noticiário da Rádio Renascença...

Todavia, ainda temos alguns reparos a fazer, de ordem meramente formal, que julgamos pertinentes. Assim, segundo o nosso ponto de vista, afigura-se-nos como negativo, o facto de, por vezes, carregando no botão da RTP-1 depararmos com legendas, para, logo de seguida, voltarmos e encontramos legendas no 2.º Canal... Quer dizer: simultaneamente, programas estrangeiros em 100% dos nossos canais de Televisão! Ora isto para quem não se dá com legendas é, como dizia o outro, «muito chato na medida em que se torna aborrecido». Entretanto, outras vezes, sucede o inverso: bons programas portugueses, dos de não perder, simultaneamente nos dois canais...

A seguir, também não nos parece como mais acertado, o facto de, à hora do almoço de domingo ser transmitido o bom programa «Compadre Bicho». E' que isto de se estar a almoçar e simultaneamente a ver coelhos e corujas, lagartos, cobras e aranhões... parece vir a ser um raio de um aperitivo meio esquisitório...

Finalmente, não concordamos com o facto da Missa Dominical estar a ser difundida simultaneamente — às 11 Horas — na Rádio Renascença e no 2.º Canal da Radiodifusão. Não nos parece ser este o caminho mais correcto para se prestar assistência espiritual a quem a procure, sobretudo os doentes, nestes dias do Senhor.

Estes, afinal, os reparos que achamos oportuno fazer. Outros do género certamente existem e que aqui damos como reproduzidos.

Ah! E já agora, se daqui por uns meses lá fôr alguém abaixo, que veja se deixa lá o recado aos trabalhadores do microfone...

Lembrámo-nos disso, vá...